

Adaptação psico-social e regresso ao país natal dos migrantes portugueses em França

FELIX NETO *

1. INTRODUÇÃO

A emigração foi uma das características mais marcantes do povo português. Tornou-se constante no tempo e universal no espaço (Serrão, 1974; Godinho, 1978).

Portugal exporta mulheres, homens e crianças desde há cinco séculos.

Durante a primeira centena de anos, as descobertas em geral, o povoamento das ilhas atlânticas e a exploração do caminho marítimo para a Índia ocuparam a maior parte dos transplantados. Desde o meio do século XVI o Brasil tornou-se a principal saída dos migrantes portugueses. A sua independência não parou este movimento (1822) e o Brasil guardou o seu lugar até aos anos 60.

Desde 1960 produziram-se mudanças profundas na emigração portuguesa e já não é para as Américas que os Portugueses partem em maioria, mas para a Europa e em particular para França. O número de transplantados aumenta rapidamente e praticamente todas as regiões do país contribuem para tal.

Para o conjunto do período 1960-1975 houve um movimento migratório, em que a estrutura da emigração efectiva portuguesa é bem caracterizada em função dos destinos. A CEE absorve 73% do total dos migrantes, e um só país, a França, absorve 63%.

Para nos darmos conta da importância tomada pela França, como força atractiva da emigração portuguesa, lembre-se que em 1950 só absorvia 1% dos migrantes portugueses. Paralelamente a percentagem dos Portugueses entre as diferentes etnias imigradas em França só representava cerca de 1% dos imigrantes nessa mesma altura.

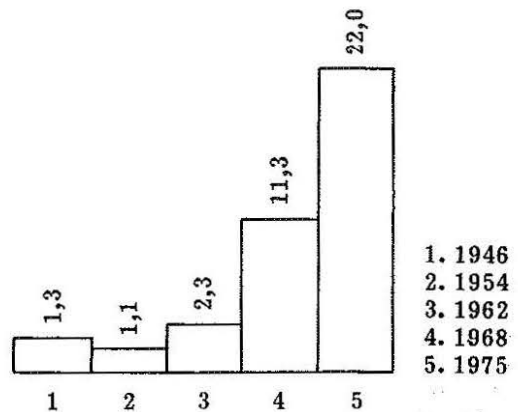


Figura 1 — Percentagem de migrantes portugueses em diversos recenseamentos franceses.

Segundo os dados do recenseamento de 1975 (Ministério do Trabalho, 1977), os Portugueses ocupavam o primeiro lugar da população estrangeira residente em França, quer se trate da população total quer da população activa.

* Professor Auxiliar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

A análise documental das investigações empíricas sobre a migração portuguesa de regresso de França é convergente em apontar a existência de projectos de regresso (Neto, 1980). Podemos no entanto perguntar-nos quais serão os factores ligados à presença ou à ausência de um tal projecto. É esse questionamento que nos leva aqui a examinarmos as relações existentes entre a adaptação e o projecto migratório. Partimos da hipótese de que a presença virtual ou a ausência da perspectiva de regresso ao país de origem acompanha-se de constelações de variáveis indicativas deste comportamento intencional ao nível da situação dos migrantes no processo adaptativo. Pode-se supor que quanto mais o objecto motivacional «regresso» esteja perto na perspectiva temporal tanto mais o processo adaptativo na sociedade de acolhimento será rodeado de dificuldades.

É evidente que no quadro restrito desta investigação limitamos o campo de exploração aos problemas que nos pareceram importantes após a análise de entrevistas preliminares. Se estas entrevistas permitiram atenuar o lado arbitrário presente em todo o inquérito, não o eclipsaram totalmente. O investigador deve seleccionar questões em relação com o tema de investigação. E nunca se está seguro de ter posto todas as questões pertinentes ao objecto de estudo e de só ter posto as que o são (Francês, 1980).

Se a noção de adaptação suscita insatisfação entre os biólogos, o problema complica-se muito mais quando se passa aos aspectos psicológicos e sociais da adaptação humana, pois esta não se reduz só à conservação da vida. A um nível psico-social a adaptação a uma situação, ao meio inter-humano, supõe sistemas de referência (Badin, 1977). Não é pois de admirar que esta noção suscite também a insatisfação nos investigadores em ciências humanas, de tal modo que certos autores preferem afastá-la assinalando que a sua função não tem como objectivo o conformismo e o ajustamento sistemático da pessoa a estruturas e normas sociais muitas vezes contestadas. Todavia o termo é profusamente utilizado, até que apareça outro mais satisfatório. Stoetzel e Girard utilizam-no: «o problema consiste para o imigrante em adaptar-se a novas circunstâncias e a noção de adaptação parece dar melhor conta do processo psicológico que aí se desenvolve que o de assimilação... Estar adaptado, é viver sem hiato permanente com o meio, não é assemelhar-se-lhe em todos os

pontos» (Stoetzel, Girard, 1953, p. 75). Para Goldlust e Richmond (1974) o termo de adaptação tem a vantagem de não envolver julgamentos de valor «a priori» sobre os resultados desejáveis nem exprimir as mesmas harmonias ideológicas que têm sido associadas à noção de assimilação. Também o CREDA, em cujo centro de investigação se insere o nosso trabalho, guarda este conceito para «estudar o conjunto dos fenómenos reaccionais à mudança que engendra a deslocação» (Raveau, Galap, Lecoutre, Lirus, 1976, p. 9).

Não temos aqui espaço para delinear algumas concepções da adaptação que nos mostrariam a sua complexidade e a necessidade de recorrer a uma abordagem multidimensional. Adoptaremos a definição de adaptação como designando «o conjunto das modificações que se operam nas atitudes, comportamentos, sistemas de representação saídos da sociedade de origem do imigrante, e por meio das quais o imigrante se esforça, na sociedade de acolhimento, por reconstruir a sua existência pessoal e social de modo satisfatório» (Ined, 1977, p. 6).

2. O INQUÉRITO

Entrevistas semi-directivas, efectuadas no comboio Paris-Lisboa, um questionário administrado aos trabalhadores migrantes em férias em Portugal, permitiram elaborar o questionário utilizado neste estudo. Apresentaremos sucessivamente:

- os instrumentos metodológicos;
- a população do inquérito;
- o seu desenrolar.

2.1. Os instrumentos utilizados

São de três tipos: um questionário «stricto sensu», uma prova inspirada do diferenciador semântico de Osgood, duas provas projectivas. Só serão aqui abordados os resultados do questionário «stricto sensu».

Este instrumento é utilizado para recolher uma informação que corresponda ao vivido do migrante e aos dados objectivos sobre a sua «prática». Compõe-se de 69 questões, para além da ficha de identificação, 12 questões abertas e 57 fechadas, o que assegura um compromisso entre uma standardização rígida e qualidades de flexibilidade próximas das que se encontram na entrevista. Esta forma de questioná-

rio permite-nos fazer uma análise quer quantitativa quer qualitativa do conteúdo das respostas. As questões postas vão situar o sujeito na temporalidade: o passado no país de origem, o presente «hic et nunc» em França, e as perspectivas de futuro. Esta temporalidade é descontinua, sendo os cortes efectuados pela partida para França e pelo eventual regresso ao país.

Este instrumento permite apreender as características e condições pré-migratórias, as variáveis psico-sociais da adaptação, a atitude face ao regresso e as perspectivas migratórias de futuro.

Da situação antes da emigração, que condiciona o processo de adaptação na nova sociedade, solicitamos opiniões sobre as motivações da partida, a duração de estadia prevista em França, a imagem desta na véspera da partida e o estado de satisfação em relação à sua vida em Portugal; paralelamente, dados factuais tais como o ano de emigração, o estado de actividade ou de não actividade, local de residência antes da emigração e o grau de instrução recebida.

As variáveis psico-sociais da adaptação abordadas pelo questionário «stricto sensu» giram à volta de cinco temas:

O primeiro é a *integratividade*, que representa de certo modo uma síntese dos aspectos objectivos de adaptação distinguidos por Goldlust e Richmond (1974). Este tema compreende questões relativas às trocas interpessoais e à participação na sociedade de acolhimento: frequentações de lares, relações de amizade, interesse pela vida política francesa.

O segundo tema tido em conta é a *satisfação* proporcionada pelo processo migratório. Esta pode diferir consoante os aspectos específicos da experiência migratória que se considerem: trabalho, alojamento, lares, relações interpessoais com os autóctones, relações com os organismos administrativos, a política em relação à imigração. Quaisquer que sejam os tipos de situações analisadas, o grau de satisfação do transplantado é sempre função:

- por um lado, das expectativas por ele formuladas na sociedade de destino em relação ao nível de aspiração elaborado na sociedade de origem;
- por outro lado, da resposta da sociedade de destino e, em parte, do carácter discriminatório ou não desta resposta.

O terceiro tema refere-se à percepção que o sujeito tem do seu *bem-estar somático*. Escre-

vem a este propósito Bastide, Morin e Raveau: «O estado de saúde pode ser considerado como um bom indicador da adaptação ao novo meio. A saúde física testemunha a nutrição, as condições de trabalho e a qualidade do conforto. A saúde mental, em relação com o estado físico, dá conta mediante a forma de que se revestem as descompensações psicopatológicas, dos estados de tensão psico-sociológicos e dos meios de os liquidar num meio estrangeiro» (1974, p. 149). O corpo é o lugar do prazer, do desejo, do sofrimento, onde é vivida e experimentada a separação. O migrante exprime frequentemente o seu sofrimento mediante a linguagem do corpo por dois motivos (Beauchesne, Esposito, 1981). Por um lado, deve elaborar a perda de objectos na sua imagem corporal. Por outro lado, esta perda simbólica vê-se confirmada na realidade tanto mais quanto o sujeito não pode agir eficazmente sobre o novo meio.

A *distância social* pode dar-nos uma indicação sobre os pequenos grupos nacionais, de origem ou de residência, que são tomados como grupos de referência. A perspectiva de regresso ou, ao contrário, de fixação, é susceptível de introduzir uma clivagem ao nível das identificações?

Finalmente, através da *vinculação* procuramos saber que laços são mantidos com o país de origem.

2.2. População do inquérito

A — Técnica de amostragem

A amostra constituiu-se a partir do método «bola de neve». Um tal tipo de amostra controla-se a partir de uma outra comportando um número restrito de pessoas, às quais se acrescentam outras com as quais as primeiras declaram estar relacionadas, e assim por diante até que a amostra esteja completa. Um tal procedimento tornou menos árdua a nossa tarefa no terreno. Dada a desconfiança manifesta dos migrantes portugueses encontrados, o facto de sermos acompanhados por alguém em que eles tinham confiança permitiu diminuir a suspeição e a relação era menos tensa, mais autêntica.

Mas um tal procedimento corre o risco de introduzir viés na observação, jamais sendo indiferente o modo segundo o qual se elaboram as relações.

Fixou-se um número mínimo de 110 sujeitos, já que ele é suficiente para uma análise

factorial (Le Bouedec, 1979), que será o principal método de tratamento de dados utilizado.

A amostra é um compromisso entre constrangimentos técnicos e materiais, por um lado, e os objectivos pretendidos, por outro. Não é a amostra ideal, é uma amostra possível.

Embora não estejamos perante uma amostra representativa dos emigrantes portugueses, estritamente falando, observando as características da população do inquérito, pode-se constatar que se trata efectivamente da forma mais representativa da migração económica actual. Vamos encontrar a confirmação nas afirmações de George: «A Europa Ocidental é hoje o principal contratador de migrantes com idade de 35 anos em média que permanecem durante 5 a 10 anos, frequentemente em várias estadas, separadas por um ou dois regressos ao país de origem, migrantes que são ocupados em empregos industriais ou para-industriais. Presentemente, é esta a forma mais representativa de emigração económica» (1977, pp. 31-32).

B — Características da amostra

Teve-se em conta, para constituir a amostra, a não inclusão de migrantes da segunda geração, nem elementos de casais mistos. Assim, incluíram-se migrantes dos dois sexos que fossem trabalhadores assalariados, suas famílias e cuja residência se situasse em zonas urbanas, com um tempo de estadia que permitisse deixar para trás os primeiros choques culturais.

A amostra compõe-se de migrantes com idades compreendidas entre os 30 e 40 anos, sendo uma metade composta por homens e a outra por mulheres, dos quais 16% celibatários e os restantes 84% casados. Nenhuma duração de estadia era inferior a 4 anos, e 64,5% da amostra apresentava uma duração de estadia compreendida entre 7 e 13 anos. A duração média de estadia era de 8,5 anos (o desvio-padrão de 3,02).

Noventa por cento da amostra era activa. Os homens repartiam-se por dois sectores: construção civil e metalurgia. As mulheres ocupavam trabalhos de índole doméstica (portadeiras, mulher-a-dias, criadas de quarto). As pessoas que não trabalhavam eram todas mulheres.

A maior parte da amostra residia antes da emigração em zonas pouco desenvolvidas (80,0%). Somente 20,0% vinham de zonas urbanas mais ou menos desenvolvidas, industrializadas.

Em França, a amostra tinha uma implantação urbana — 1/3 residia em Paris, 1/3 na região parisiense e o outro terço em Reims —, o que implica para a maior parte dos sujeitos uma dupla adaptação: urbana e estrangeira.

2.3. O desenrolar do inquérito

As entrevistas foram efectuadas no domicílio do migrante, lugar que assegura as condições mais favoráveis. Não é sem interesse situar no tempo o inquérito, pois o estudo de campo começou precisamente no momento em que o Governo francês acabava de decidir alargar a «ajuda para o regresso» a outras categorias de migrantes — Outubro de 1977 (Neto, 1982). Poder-se-á consultar Neto (1980) para uma descrição mais precisa das condições de lugar, de tempo, de contacto, em que o inquérito se desenrolou.

Sempre na mesma ordem o migrante voluntário respondia:

- 1) ao teste das cores de Lüscher (primeira passagem);
- 2) ao questionário «stricto sensu» (partes situação em Portugal, situação em França;
- 3) ao teste «Quem Sou Eu?»
- 4) à segunda parte do questionário «stricto sensu» (os sonhos, os vínculos com Portugal, o regresso ao país);
- 5) ao teste das cores (segunda passagem);
- 6) à prova inspirada do diferenciador semântico;
- 7) à ficha signalética.

Só os resultados 2 e 4, cuja descrição geral já foi efectuada noutra local (Neto, Mullet, 1982), serão comentados aqui.

3. RESULTADOS

A intenção de regresso ao país de origem pode receber três respostas:

- a presença dessa intenção comportamental,
- a ausência dessa intenção,
- o conflito de escolha entre regressar ou ficar.

Quando a intenção de regresso está na perspectiva futura dos migrantes, interessa

saber a sua localização temporal. A localização temporal dos objectos na perspectiva futura é no entanto coisa muito delicada e aproximativa (Nuttin, 1980, b). Contentamo-nos aqui com a estimação pessoal do sujeito. Constituíram-se assim seis grupos tendo em conta a duração prevista da estadia em França. Os meios de que dispunhamos não nos permitiram constituir uma amostra em que os diferentes grupos tivessem o mesmo número de elementos. Se o fizéssemos a amostra obtida ficaria demasiado pequena e deixaria de reflectir uma situação natural. Os resultados dos grupos com efectivos fracos são pois a tomar em conta com uma certa prudência, mas consideramos as suas tendências significativas.

Os seis grupos constituídos são:

Grupo I — Intenção de regresso num futuro indeterminado —

Trata-se de migrantes que embora pensem regressar a Portugal antes da reforma, não apresentam uma localização temporal para concretizar a sua intenção. Estão neste caso 41 sujeitos, ou seja, 37 % da amostra.

Grupo II — Intenção de regressar num futuro próximo —

Incluem-se aqui os sujeitos que perspectivam regressar dentro de menos de três anos. Estão neste caso 14 sujeitos, ou seja, 13 % da amostra.

Grupo III — Intenção de regressar num futuro intermédio —

São 34, ou seja, 31 % da amostra que têm intenção de regressar dentro de três anos ou mais, mas antes da reforma. 28 sujeitos pensam regressar dentro de 3 a 5 anos, e 6 dentro de mais de 5 anos. Pensamos fazer aqui dois grupos, mas dado ambos possuírem características bastante semelhantes, e o segundo caso ser pouco frequente, decidimos agrupá-los.

Grupo IV — Intenção de regressar num futuro afastado —

Trata-se dos migrantes que pensam regressar aquando da reforma. São 6, ou seja, 5 % da amostra.

tra. Esta intenção implica o abandono de um projecto de trabalho no país de origem o que diferencia este grupo de todos os mencionados anteriormente.

Grupo V — Conflito de escolha —

São 7, ou seja, 6 % da amostra, os que não fizeram a escolha entre regressar a Portugal ou ficar em França.

Grupo VI — Intenção de enraizamento —

Compreende os que tomaram a decisão de ficar definitivamente em França, de lá viver a sua velhice e morrer. Não é fácil tomar tal decisão para migrantes da primeira geração, representando 7 % da amostra. Relativamente aos migrantes da primeira geração, que aqui analisamos, estamos perante um discurso «contra a corrente» para empregar os termos utilizados por Cordeiro e Guffond (1979, p. 46) a propósito da migração argelina em França.

A análise factorial das correspondências vai permitir-nos a apreensão global dos dados do questionário «*stricto sensu*» e a visualização da dinâmica dos diferentes grupos.

A análise factorial das correspondências foi elaborada nos anos 1962-65, por Benzecri, introduzindo em França perspectivas próximas da «*Data Analysis*» dos anglo-saxões, mas desenvolvendo-se de modo original quer do ponto de vista do método utilizado quer dos usos sociais que dela se fizeram.

A AFC tem por objecto apresentar uma núpem de indivíduos ou de variáveis num espaço de fraca dimensão, conservando o máximo de informação. Para isso, extrai-se um pequeno número de variáveis chamados *factores*, calculados para cada indivíduo e cada variável. *Contribuições* permitem medir a parte relativa de cada uma das variáveis na determinação destes factores, guiando assim a interpretação de um eixo. Note-se que estes eixos não são correlacionados e exprimem, portanto, tendências independentes. Obtém-se assim uma representação gráfica das variáveis no sistema dos eixos factoriais. Esta síntese multidimensional permite fazer ressaltar a estrutura de conjunto dos dados analisados.

A análise tem por intenção fazer ressaltar, se existem, certos subconjuntos constituindo o conjunto da amostra e caracterizar esses subconjuntos por uma ou várias variáveis. «É bem certo que os resultados fornecidos pelo método são objectivos pois resultam do próprio valor dos números tomados em conta, e que nenhuma hipótese distribucional preliminar é feita. Pelo contrário, a sua interpretação, isto é, a sobreposição de um modelo explicativo (aqui de natureza psico-social) é da total responsabilidade do utilizador» (Cazes, citado por Castellan, 1974, p. 128).

O quadro indivíduos x caracteres analisado aqui é um quadro de descrição lógica posto sob forma disjuntiva completa. Isto significa que todas as modalidades possíveis de uma questão formam o conjunto das variáveis, a presença da modalidade sendo codificada 1, a sua ausência 0. Assim, as diversas modalidades de uma questão são tratadas de modo equivalente e o vector resposta de um sujeito comporta tantos 1 quantas respostas há, quaisquer que sejam as respostas fornecidas.

O número de variáveis sendo muito elevado é de esperar que os eixos factoriais possuam uma inércia fraca em valor absoluto. Cada variável possui, em média, uma taxa de explicação de 0,64. A taxa de explicação dos eixos é superior a este valor até ao 47.º factor.

A percentagem de inércia extraída pelos dois primeiros eixos é de 11,4%. O exame do plano dos eixos factoriais 1 e 2 permite-nos observar certos factos interessantes e mormente uma tipologia (1) bastante clara da nossa população.

O primeiro factor representa 6,3% da inércia total (isto é, extrai 6,3% da informação contida no quadro analisado). Concentra no pólo negativo um conjunto de modalidades vincando a insatisfação em diferentes esferas. Ao nível do trabalho aparece a insatisfação nas relações interpessoais com os superiores, com os colegas, bem como nos horários. Ao nível do alojamento emerge descontentamento com o conforto, a grandeza e a vizinhança. Existe

(1) Empregamos o termo tipologia no sentido geral de classificação de tipos. Neste sentido a Encyclopaedia Universalis nota, referindo-se à etimologia do termo e ao seu uso na imprensa: «Por metáfora, tipos e caracteres foram em breve os termos designando as séries de seres humanos tendo em comum certas atitudes perante a vida, pertencendo às mesmas famílias de espírito.» Não se trata pois aqui de biótipos ou de morfótipos nem de tipologia psicológica, mas de classificação por reagrupamento de opiniões associadas.

também insatisfação no relacionamento havido com os organismos administrativos, em suma, insatisfação da estadia no estrangeiro. A esta insatisfação encontra-se associada uma certa participação social mediante a frequentação de lazes como o cinema, a dança, o café, o restaurante e a participação em associações. Três modalidades reflectem a desvinculação da sociedade de origem: ausência de economias, ausência da passagem de férias em Portugal e a preferência de casamento com um cônjuge da nacionalidade do país de acolhimento. Encontramos, finalmente, um balanço negativo da saúde, entre as modalidades com mais fortes contribuições.

No pólo positivo encontramos modalidades que denotam a satisfação proporcionada pelo processo migratório ao nível do alojamento e do trabalho. A poupança corresponde pelo menos às expectativas, sendo muitas vezes ultrapassadas, o que pode também ser uma fonte de satisfação. Ligado a este lado do eixo 1 encontra-se igualmente uma boa autopercepção da saúde.

O factor 2 extrai 5,1% da inércia total. Reúne no pólo positivo um conjunto de variáveis que traduzem uma boa integratividade como a presença pouco frequente de saudades, a ausência de isolamento, um bom conhecimento da língua francesa, boa adaptação à vida francesa. Associa-se aí a identificação com o meio de acolhimento, pois ao nível dos amigos e dos vizinhos é o grupo nacional francês que é tomado como grupo de referência. O bem-estar somático emerge através de uma boa saúde e de um humor com tonalidade positiva em França. Não encontramos todavia aqui uma frequentação assídua de lazes, pois o cinema e o restaurante são raramente frequentados. A mais forte contribuição para este eixo é-nos dada pela intenção de enraizamento.

No pólo negativo concentram-se modalidades que reflectem uma integratividade fraca na sociedade de acolhimento. Transparece aqui uma vinculação real ou simbólica ao país de origem mediatizada por frequentes viagens a Portugal, pela frequência regular da Igreja, pelo desejo de regressar à aldeia de origem. Também se situa neste lado do eixo 2 a identificação ao grupo nacional de origem, pois são tomados como grupos de referência os que são formados sobretudo por compatriotas. O balanço autopercebido da adaptação à vida francesa é negativo.

De modo muito simplificado, poder-se-á, pois, dizer que o eixo 1 é um eixo de «insa-

tisfação/satisfação» do processo migratório, estabelecendo uma dicotomia entre a intenção de regresso num futuro próximo, num futuro indeterminado e de enraizamento, por um lado; a intenção de regresso num futuro intermédio, afastado e o conflito de escolha, por outro lado. O eixo 2 é um eixo da «não integratividade/ /integratividade». Este eixo distingue dois itinerários entre os quais todo o migrante é solicitado a escolher: voltar-se sobre si próprio e a sua comunidade ou procurar uma relativa integração na sociedade de acolhimento. Este eixo estabelece uma dicotomia entre a intenção de regresso antes da reforma, por um lado; a intenção de regresso para a reforma, a inten-

ção de enraizamento e o conflito de escolha, por outro lado.

Segundo os princípios de construção dos eixos em análise das correspondências, as noções de satisfação e de integratividade parecem pois independentes, o que pode parecer surpreendente. Notemos contudo que os dois pares opostos de modalidades do balanço de adaptação estão separados pelo eixo 2, a variável marcando a melhor adaptação em cada um destes dois pares estando situada à direita do eixo 2, isto é, do lado da maior satisfação.

Examinemos agora os diferentes quadrantes:

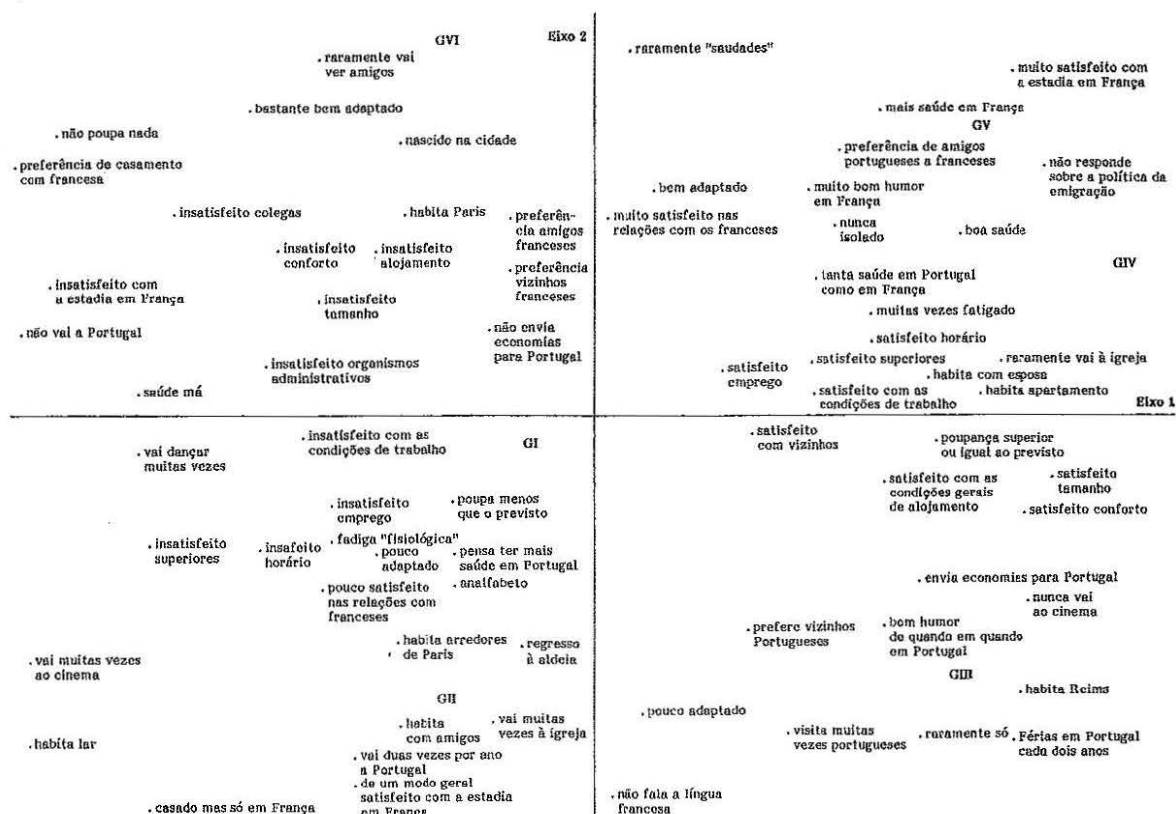


Fig. 2 — Localização das variáveis do questionário (stricto sensu) no plano determinado pelos eixos 1 e 2 (contribuições mais importantes)

Os grupos distribuem-se por todos os quadrantes.

Assim, no quadrante inferior esquerdo encontramos o G I, grupo constituído pelos que perspectivam o regresso antes da reforma, mas que desconhecem no momento a data da partida. Também aí se projecta o G II, grupo

composto pelos que encaram o regresso no futuro mais próximo.

O G I está perto do centro de gravidade (ponto médio da nuvem dos caracteres e dos indivíduos). Trata-se de um grupo espartilhado entre a satisfação e a insatisfação, entre uma boa integratividade e uma fraca integra-

tividade. Na encruzilhada destes dois factores é bem difícil localizar temporariamente o regresso.

Contudo uma análise mais em profundidade das modalidades associadas a este grupo permite verificar globalmente antes a insatisfação que a satisfação e antes uma fraca integratividade que uma boa integratividade. Ou por outras palavras, embora seja um grupo com um perfil psico-sociológico semelhante ao do conjunto da amostra, aproxima-se mais da tipologia dos que tencionam regressar num futuro próximo.

O G II encontra-se no quadrante da insatisfação e da fraca integratividade. Entre os dados factuais que caracterizam este grupo encontram-se a residência nos arredores de Paris, com amigos ou num lar. O lar favorece efectivamente o isolamento do migrante do resto da sociedade e não facilita a integração do migrante na sociedade francesa (Briot, Verbunt, 1981, p. 54). O isolamento em que estes sujeitos se encontram tenta ser compensado pela procura de lazeres, frequentando o cinema, o baile, o café. Este último é antes de mais «um quadro de relações sociais livremente escolhidas» (Dumazedier, 1974, p. 109). A maioria dos indivíduos procura, frequentando o café, não tanto o consumo de bebidas, como contactos, trocas que completam ou compensam as relações quotidianas impostas pelo trabalho, os deveres familiares ou sociais. Os cafés desempenham um papel «realmente positivo na luta contra o isolamento social que toca muitas vezes "a multidão solitária" das cidades» (Dumazedier, 1974, p. 113).

Várias modalidades traduzem a proximidade da sociedade de origem.

Os membros deste grupo sentem a necessidade de fugir de uma sociedade diferente e de experienciar a protecção da sociedade de origem por meio do sentimento religioso frequentando regularmente a igreja. Manter os valores religiosos da sociedade natal protege a identidade original. A procura de associações, sobretudo portuguesas, corresponde a esta mesma necessidade de segurança. Por outro lado, pode-se verificar esta fuga da sociedade de acolhimento através das estadias prolongadas em Portugal para além das férias (estadias de vários meses). As razões invocadas para o alongamento da estadia são diversas: doença do cônjuge, partilhas, desejo de acabar a casa, efectivação de trabalhos agrícolas... Administrativamente, se a estadia no país tinha ultrapassado seis meses, este trabalhador era

quer contabilizado como reinstalado em Portugal quer como imigrante de novo ao regressar a França. Tal era possível antes de 1974. Desde que a França decidiu suspender a entrada de novos trabalhadores estrangeiros, já não é possível para o migrante ficar no país mais de seis meses. Também se situa neste quadrante o facto de ir a Portugal pelo menos duas vezes por ano. Para eles estes regressos periódicos representam uma necessidade quase física. Estes migrantes procuram sobretudo vizinhos portugueses⁽¹⁾. Ao nível subjectivo, pode-se notar esta fuga da sociedade de acolhimento através das saudades frequentemente sentidas. Mais do que outros migrantes o seu sentimento aproxima-se do que escreveu Torga: «E eu sei como é lancinante esse mal da lonjura, e resistente o fio da baba que a memória vai segregando à medida que se afasta, e por onde passam, depois, telepáticas ondas de ternura por coisas que talvez a não merecessem à despedida. Avolumam-se as broas, amaciam-se as fragas, dilatam-se as leiras» (1969, p. 111).

Através dos «restos diurnos» dos sonhos transparece igualmente a fuga da sociedade de destino e a vinculação ao país de origem. Explorando todas as possibilidades de cenário, perto deste grupo projectam-se os sonhos em situações ou cenas relacionadas com a vida portuguesa e num cenário português. São os sonhos «lembranças puras», como diriam Bastide, Morin, Raveau (1974, p. 160), em que não transpareceria traça de aculturação. Também

(1) O conjunto da amostra prefere, igualmente, ter como vizinhos franceses e portugueses. O terceiro lugar na hierarquia das preferências é ocupado pelos espanhóis, o quarto pelos negros e o último pelos argelinos. O desejo de afastamento máximo de um grupo étnico como vizinho não se verifica em relação ao fenótipo mais afastado (negro). Podemos verificar como os migrantes portugueses estão tão penetrados pelos estereótipos sobre os negros e os árabes como os franceses. Frequentemente ouvimos dizer, a propósito dos negros, que eles cheiravam mal; igualmente certos migrantes faziam alusão, a propósito do corpo desta etnia, ao volume suposto formidável do seu sexo. Os árabes são vistos como uma ameaça que mobiliza medos muito arcaicos (por exemplo, o da violação das mulheres). «O terreno para uma tal desconfiança em relação a certas etnias foi preparado por vários demógrafos, de que o mais conhecido é R. Delerm; segundo ele, é necessário travar o afluxo de negros e árabes e preferir os europeus...» (Granotier, 1973, pp. 67-68). Jacques Mesnil verificou a propósito das atitudes dos franceses em relação aos estrangeiros: «... pensamos estar à altura de indicar que os africanos são percebidos tanto mais favoravelmente quanto os argelinos são objecto de uma atitude desfavorável» (Esprit, abril 1966, p. 350).

as personagens dos sonhos são sobretudo portuguesas. Não fizemos uma recolha sistemática dos sonhos, pois tal tarefa representaria um trabalho em si, limitámo-nos a recolher sonhos episodicamente quando a entrevista se encaminhava nesse sentido. Não podemos deixar de lembrar o sonho de um sujeito deste grupo: «Sonhei que estava a nadar no mar em Portugal, lutando contra a corrente. A areia parecia-me longe e mais eu nadava, mas não me conseguia aproximar dela...» Se à luz da psicanálise freudiana este sonho reflecte o desejo de regressar ao ventre da mãe, não reflectirá também o desejo de regressar à terra materna, projecto que norteia a vida do sujeito? Para este grupo Portugal está constantemente no seu horizonte visual. No estado de vigília como nos sonhos a vida do migrante está impregnada pela presença da terra natal.

Se a fuga de uma sociedade diferente amortece as dificuldades vividas no presente, também efectua a ressocialização antecipatória relativamente ao regresso.

O grupo manifesta pouca satisfação da sua estadia em França e do relacionamento interpessoal com os autóctones. As condições de trabalho são percebidas mais insatisfatórias que as de alojamento. É o preço de aluguer que, ao nível do alojamento, é a fonte de maior insatisfação, pois um aluguer elevado em relação às expectativas é incompatível com o fim que o migrante se fixou: poupar o máximo no mínimo de tempo. A insatisfação do trabalho provém sobretudo do tipo de trabalho efectuado, das relações com os superiores e do salário. Ao nível dos lazeres transparece também uma certa insatisfação.

Uma constelação de modalidades denotando mal-estar somático caracteriza sobretudo os que pensam regressar a Portugal num futuro próximo.

O sono é indispensável para manter o equilíbrio físico e psíquico. Mais que uma função, é uma necessidade que não pode ser suprimida (Passouant, Rechniewski, 1976). É muito sensível às dificuldades quotidianas de certas pessoas e a ruptura da harmonia vigília-sono está na origem de numerosas insónias. No sentido estrito, a insónia é a ausência total de sono, mas por extensão tornou-se sinónimo de «mau sono». Não é a sua duração que define um bom sono. «Um bom sono define-se por um tempo de adormecimento suficientemente breve (isto é, inferior a trinta minutos), por acordar durante a noite menos de três vezes, e pelo estado de boa forma sentido ao desper-

tar» (Novikoff, Olie, 1980, p. 25). Não precisámos aos sujeitos aquando do inquérito estas condições de um bom sono, mas limitámo-nos à autopercepção dos sujeitos sobre o seu sono. 37% dos sujeitos declaram não dormir bem. Relembremos que estamos perante uma amostra adulta, mas não idosa, pois se as pessoas da terceira idade podem ter um bom sono, muitas queixam-se de dormir mal (Passouant, Rechniewski, 1976). Verificamos que uma percentagem mais elevada da amostra dorme pior que o conjunto da população. Novikoff e Olie (1980, p. 25) assinalam que cerca de 20% da população dorme mal. A insónia, expressão de uma patologia, pode pois exacerbar-se pela migração. A alteração do sono é o primeiro sintoma de uma patologia somática, psicológica, ou somática e psicológica ao mesmo tempo, isto devido às dificuldades encontradas aquando do reencontro com outra sociedade diferente daquela onde o indivíduo viveu originariamente. Ora é o grupo que tem intenção de regressar num futuro mais próximo que aparece melhor caracterizado por um sono perturbado.

A fadiga reúne uma multiplicidade de sintomas vividos e explicitados sob este termo. Veil et al. após terem passado em revista uma série de definições da fadiga, afirmam que «aparece bem claramente, segundo estas citações, que o conceito de fadiga é difícil de definir. Os seus aspectos são múltiplos e diversificados; cada um insiste numa das suas facetas, cerne, delimita e precisa noções, sem todavia conseguir apreendê-la no seu conjunto» (1972, p. 176). No quadro deste inquérito, muito curto neste domínio por razões evidentes, só distinguimos, como o fizeram Bastide, Morin e Raveau (1974), duas formas de fadiga: a fadiga «fisiológica» que está em relação com as tarefas quotidianas dos indivíduos capazes de os fazer sucumbir e se decompõe numa fadiga vespertal e numa fadiga global, e a fadiga «neurótica» traduzida por uma astenia matinal.

Para Dierkens (1969), os migrantes são afectados por uma astenia e uma fadiga constantes. São o resultado das modificações quantitativas e qualitativas da alimentação, do «stress» do período migratório e das perturbações digestivas psicossomáticas reaccionais ao desenraizamento e à solidão. Que dizem os sujeitos? O sentimento de fadiga é muito frequentemente mencionado. Três quartos dos sujeitos sentem-se muitas vezes cansados. Tal parece facilmente justificado pelas condições

habituais de existência. Quem se interroga perante a fadiga de um operário que passa pela barafunda dos transportes em comum e o barulho infernal do seu posto de trabalho? Quem se admira se uma mãe que trabalha no exterior se lamenta de cansaço? Ora a fadiga «fisiológica» caracteriza sobretudo os que pensam regressar num futuro mais próximo.

«O conjunto das reacções afectivas elementares determina uma atmosfera psíquica particular chamada humor ou timia» (Novikoff, Olie, 1980, p. 19). O humor é a disposição afectiva fundamental que colora os estados psíquicos de uma tonalidade agradável ou desagradável. Oscila entre dois pólos; um patético, imbuído de pessimismo, de tristeza ou ao invés de optimismo, de euforia, o outro apático. «O humor é para a esfera tímica que engloba todos os afectos, o que é a consciência para a esfera noética que engloba todas as representações, é simultaneamente a manifestação mais elementar e a mais geral» (Delay, Pichot, 1969, p. 155). As percepções do sujeito, a sua maneira de sentir os acontecimentos que sofre, as informações que capta em si mesmo ou à sua volta estão impregnadas pelo estado tímico de fundo. Parece poder dizer-se que a migração, segundo as declarações actuais dos sujeitos, fez oscilar o humor de uma tonalidade agradável em Portugal para uma tonalidade apática em França (Neto, 1983). O perfil sanitário do G II é descrito por uma polaridade negativa ou neutra do humor em França.

O perfil sanitário deste grupo fica completo para além do sono perturbado, da fadiga «fisiológica» e da tonalidade negativa ou neutra do humor, pela autopercepção deficiente da saúde e pelo sentimento de ter mais saúde em Portugal que em França. É o grupo que exprime maior sofrimento através da linguagem do corpo.

O sucesso da migração do ponto de vista económico não está assegurado, pois os sujeitos que intencionam regressar num futuro próximo economizaram menos do que tinham previsto.

Este perfil é reflexo já de factos anteriores à migração: nascimento em zonas rurais, analfabetismo, trabalho na agricultura. O regresso é perspectivado à aldeia de origem.

Em suma, trata-se claramente de pessoas que tentam a todo o custo viver exactamente como em Portugal, cortadas do país em que se encontram, e que devem assim sofrer condições de vida difíceis. Os indicadores de saúde, que são os piores, deixam-no filtrar. É o qua-

drante do desencanto, da insatisfação, das saudades, numa palavra da *adaptação insatisfatória*.

No quadrante *inferior direito*, encontramos o G III, isto é, o grupo dos que têm a intenção de regressar a Portugal dentro de três anos, ou mais tarde, mas em todo o caso antes da reforma. Este quadrante encontra-se rodeado pelos eixos que denotam uma integratividade fraca, mas uma certa satisfação.

A integratividade à sociedade de acolhimento, como para o G II parece deficiente. Ambos os grupos têm em comum a vivência em gueto: «O gueto é a permanência no tempo de um grupo de estrangeiros, localmente ou culturalmente delimitado, que mantém maneiras de viver e formas de organização social diferentes da do meio. Estas maneiras de viver referem-se ao passado e ao país (ou à cultura) de origem (Verbunt, 1980, p. 145). No entanto as estratégias dos dois grupos diferenciam-se. Para o G II o gueto parece traduzir-se mais por uma lusitanidade vivida sob o modo saudosista e para o G III por uma lusitanidade vivida *in loco*. Efectivamente certas modalidades associadas ao G III denotam o seu retraimento sobre a comunidade portuguesa: a preferência de conhecimentos e vizinhos portugueses, visitas frequentes a compatriotas. A rede de relações interpessoais é pois mais vasta que no caso do G II. Esta estratégia tem um duplo significado: por um lado, o evitar o alargamento das relações interpessoais com os autóctones permite a obtenção do objectivo primordial — a obtenção de poupanças; por outro lado, vivendo a migração como um paréntesis na sua vida em contacto com compatriotas, a reinserção aquando de um eventual regresso pode estar facilitada, por um mecanismo algo semelhante à socialização antecipatória.

Esta multiplicidade de relações com os compatriotas não cria a necessidade de se informar sobre Portugal através dos «mass-media» (1). Através dessas relações passam a maior parte das informações sobre Portugal. Mas se declaram não se informar sobre Portugal pelos suportes «mass»-mediáticos, nem por isso a vinculação ao país de origem se extinguiu: as férias são passadas em Portugal uma vez em cada dois anos, a poupança efectuada é transferida para Portugal, as saudades

(1) Para o conjunto da amostra, por ordem decrescente, as informações sobre o país natal chegam por rádio, cartas, conversas, televisão, jornal, telefone.

são sentidas frequentemente, a língua do sonho é sobretudo portuguesa. Trata-se, por consequência, de uma vinculação subjectiva e objectiva às origens.

A evocada riqueza de relacionamento interpessoal com os compatriotas também impede o isolamento total do grupo. Não sente assim necessidade de frequentar lazeres como o baile, o restaurante, o cinema. Pouco adaptados à vida francesa, têm um mau conhecimento da língua do país de destino, o que limita a rede das relações com os franceses ao estritamente necessário (comerciantes, funcionários, médicos...). Por outro lado, também não manifestam o mínimo interesse pela actualidade política francesa.

Todavia encontramos-nos perante pessoas que sentem um certo bem-estar em relação ao processo migratório. Conseguem poupar tanto como tinham previsto ou até mais. Esta satisfação é igualmente uma consequência das condições de trabalho em geral e sobretudo do alojamento. As variáveis que são fonte de maior satisfação ao nível do alojamento são a vizinhança, o conforto e a grandeza. Encontra-se, pois, neste quadrante a associação entre a satisfação proporcionada pelo alojamento e o envio das poupanças para o país de origem. Note-se que Butaud (1973, p. 168) encontra que a qualidade do alojamento melhora quando a frequência das transferências monetárias diminui. Tais resultados podem traduzir que nem sempre existe uma correlação entre a percepção subjectiva da satisfação que o alojamento proporciona e as suas características objectivas. Os lazeres também proporcionam uma certa satisfação bem como as relações com os franceses.

Este perfil corresponde sobretudo a migrantes tendo uma duração de estadia curta (4-7 anos) em relação à amostra e que habitam Reims. Um certo número de mulheres não exerce actividade profissional. Esta inactividade está ligada sobretudo à existência de crianças de tenra idade. É de notar que já no país de origem declaram que eram inactivas. Igualmente como característica pré-migratória encontramos a instrução primária incompleta.

O regresso é perspectivado à aldeia de origem. Mas para que o regresso se efectue mediante a medida incentivadora «ajuda para o regresso» o grupo é muito exigente.

Em suma, este grupo parece caracterizar-se por um tipo de *adaptação instrumental*. Toda a implicação no processo migratório gira

à volta de objectivos económicos. A bússola está firmemente orientada para esse pólo. Se a prossecução e a obtenção desses objectivos se acompanham do sentimento de bem-estar, já não se acompanha da implicação em relações interpessoais com a sociedade de acolhimento, a não ser para o estritamente necessário. O percurso de adaptação passa, para estas pessoas, pela utilização das diferenças.

Avançemos progressivamente para o quadrante *superior direito*. Encontramos aí dois grupos: O G IV que perspectiva o regresso aquando da reforma, e o G V que ainda não decidiu se vai regressar a Portugal ou ficar em França. Os dois grupos declaram-se satisfeitos e adaptados à vida francesa.

Apesar dos migrantes do G IV não terem cortado os laços com Portugal, pois organizam o seu futuro para lá viver, já não vivem em França sob o signo do provisório. Assim é-lhes própria uma certa estabilidade que se traduz pelo facto de viverem com cônjuge e de habitarem um apartamento. A vida em França proporciona-lhes satisfação ao nível das condições de trabalho em geral e do alojamento; o mesmo acontece ao nível do relacionamento interpessoal com os franceses.

Os membros deste grupo não sofrem do isolamento, pois estão próximos quer de pessoas da sociedade de acolhimento quer de compatriotas.

Conservam um humor com tonalidade positiva e têm uma boa auto percepção da sua saúde. Expressam o sentimento de terem tanta saúde em Portugal como em França. Apesar de tudo, a adaptação tem o seu preço, sendo tocados pela doença desde a chegada a França (1) e sobretudo pela fadiga, em particular a «neurótica».

Este grupo é composto pelos velhos migrantes da amostra (mais de 13 anos de estadia).

Em suma, encontramos-nos perante pessoas adaptadas à sociedade de acolhimento, mas que não esqueceram a sociedade de origem.

(1) Foi precisado aos sujeitos de que se entendia por doença uma indisposição de pelo menos uma semana obrigando o sujeito a ir para a cama e necessitando da intervenção do médico. Entre as doenças assinaladas pela amostra ocupam o primeiro lugar os acidentes de trabalho. Afectaram 18% dos sujeitos. Foram sobretudo os homens que sofreram acidentes de trabalho (10 casos graves para os homens contra um para as mulheres). O segundo lugar entre as doenças mais frequentes é ocupado pelas doenças digestivas (15%). Também aqui os homens são mais afectados que as mulheres (18% de homens contra 11% das mulheres).

Trata-se de indivíduos possuidores de uma força e de trunfos individuais que lhes permitem fazer face à sua situação de estrangeiros.

Duas modalidades muito próximas do G V deixam transparecer o conflito no qual se encontra o grupo: a indiferença em conhecer amigos portugueses ou franceses e a ausência de resposta à questão sobre a política migratória do Governo francês. Trata-se de um grupo bem adaptado à vida francesa. Através da língua do sonho — a francesa — e de sonhos sob o signo do «presente puro», isto é, sonhos de situação ou cenas francesas num cenário francês (Bastide, Morin, Raveau, 1974) transparece a traça da aculturação. Tem menos laços com o país natal que o G IV. Os seus membros sentem raramente saudades. A estadia em França proporciona grande satisfação. Note-se, porém, que as condições de trabalho proporcionam maior satisfação que as de alojamento. O bem-estar também é garantido pela saúde, visto que mesmo ao lado deste grupo projecta-se a modalidade que denota melhor saúde em França que em Portugal. Estes migrantes mantêm uma relativa estabilidade de humor em França como em Portugal. Contudo, sentem igualmente a fadiga.

Como nos pudemos dar conta encontra-se neste quadrante uma constelação de variáveis indicativas de bem-estar somático, mas duas modalidades — doente desde a chegada a França, fadiga — parecem falsas notas num conjunto sanitário harmonioso. Porém, no que diz respeito à doença desde a chegada a França, muito perto dessa modalidade projecta-se o tempo de estadia mais longo. Poder-se-á supor que quanto mais se fica no estrangeiro maiores são as probabilidades de ficar doente. A propósito da fadiga, faremos nossas as palavras de Veil et al.: «Longe de ser um disfuncionamento como os outros, um acontecimento simplesmente indesejável e parasita, a fadiga é, na realidade, uma modalidade de adaptação, um elemento constitutivo da regulação do sistema, um sinal de alarme desencadeando mecanismos de protecção contra o excesso de carga» (1972, pp. 217-218). Uma via de explicação para os resultados da fadiga «neurótica» presente sobretudo nos que encaram uma longa estadia no estrangeiro, seria considerá-la como uma antecipação defensiva das consequências previsíveis de uma longa estadia sem perder a ideia de regresso ao país.

Em suma, uma boa integratividade e uma satisfação proporcionada pela estadia em França garantem quer a perspectiva de uma

longa estadia ainda no estrangeiro quer a possibilidade de escolher a sua evolução pessoal num ou noutro país que a migração pôs em relação. Ambos os grupos parecem caracterizar-se por um tipo de *adaptação satisfatória*.

No quadrante *superior direito*, completamente em cima, encontramos o G VI, grupo composto de indivíduos que tencionam ficar em França. As ligações com o país natal são fracas. Assim, o comportamento económico é radicalmente diferente de todos os outros migrantes. Não poupam. Não têm como objectivo mandar as suas economias para Portugal. As ligações subjectivas expressas pelas saudades estão raramente presentes.

Note-se que neste quadrante encontramos uma forte identificação ao grupo nacional francês, que é percebido como modelo de referência. O cônjuge ideal é francês. Ora a preferência de casamento com pessoas do país de localização significa a aceitação em profundidade da troca com uma outra sociedade. Segundo Stonequist «um dos indicadores principais de integração bem sucedida será o casamento misto, que testemunha a eliminação de blocagens raciais ou étnicas, pelo menos no imigrante da segunda geração, e em geral também nos seus pais» (citado por Duchac, 1974, p. 346). A opinião de que o comportamento sexual dos franceses é normalmente livre é também um sintoma da procura de referências na sociedade onde aspiram a passar o resto dos seus dias. Tratando-se de um grupo essencialmente feminino, como já se sabe, este resultado é tanto mais surpreendente quanto em vários estudos sobre atitudes sociais, as mulheres estão mais ligadas que os homens a um certo número de valores tradicionais (Francês, 1980).

Manifestam igualmente preferência por amizades e vizinhos franceses. As personagens dos sonhos são sobretudo francesas, como francesa é a língua do sonho. Os sonhos estão sob o signo do «presente puro». «Em suma, quanto mais estamos integrados numa sociedade ... tanto mais ela nos fornece materiais oníricos» (Bastide, 1972, p. 231).

Contudo, as relações interpessoais na nova sociedade são pouco profundas. As visitas a compatriotas são raras, mas a compensação por visitas a amigos franceses está ainda incabada. Do mesmo modo lazeres como o cinema ou o baile são pouco frequentados. Faltam-lhe pois ainda a este grupo ligações com vários grupos de pessoas da sociedade de acolhimento

susceptíveis de lhe oferecer a segurança e um sentimento de pertença.

Apesar destes migrantes ocuparem alojamentos de melhor qualidade que os restantes migrantes, declaram-se insatisfeitos com os alojamentos. São, por consequência, mais exigentes nas condições de alojamento, em particular no conforto e no tamanho.

A francização parece facilitada por condições anteriores à migração como o nascimento numa cidade e a migração interna.

Estamos, em suma, perante um grupo cujo perfil mais pregnante é o da *adaptação integrativa*.

4. DISCUSSÃO

A hipótese geral de trabalho, isto é, a de que a presença virtual da perspectiva de regresso ao país de origem se acompanha de constelações de variáveis indicativas deste comportamento intencional ao nível da situação dos migrantes no processo adaptativo, parece confirmar-se globalmente. A análise das correspondências efectuada com as modalidades psico-sociais da adaptação (questionário «*stricto sensu*») mostra que os projectos migratórios aparecem associados a diferentes constelações de modalidades.

Submetidas à AFC as modalidades do questionário «*stricto sensu*», os dois primeiros factores parecem denotar a «insatisfação/satisfação» do processo migratório e a «não integratividade/integratividade» na sociedade de acolhimento. Os eixos factoriais introduzem uma ordem que permite compreender a organização comportamental dos migrantes em relação às perspectivas de futuro. Constata-se que os grupos se distribuem pelos diferentes quadrantes. Embora se trate de grupos constituídos «*a priori*», a sua situação nos eixos valida o seu valor classificatório «*a posteriori*» em relação às variáveis psico-sociais da adaptação. A análise dos respectivos quadrantes permite distinguir quatro tipos de adaptação:

1. A adaptação insatisfatória, a que se associa o projecto de regresso num futuro próximo.
2. A adaptação instrumental, que caracteriza melhor o projecto de regresso num futuro intermédio.

3. A adaptação satisfatória, a que se associa o projecto de regresso num futuro afastado e o conflito de escolha entre partir ou ficar.

4. Finalmente, a adaptação integrativa, em cujo perfil se insere o projecto de enraizamento.

Só o grupo que deseja regressar num futuro indeterminado não aparece claramente descrito pelos tipos de adaptação mencionados, embora se aproxime da adaptação insatisfatória.

É óbvio que a tipologia descrita é uma simplificação e não deixa transparecer a quase infinita variedade dos diferentes modos em que as variáveis consideradas neste estudo (e outras que tenham sido omitidas) podem combinar-se. Contudo fornece um suporte conclusivo a uma abordagem multidimensional da adaptação do migrante relacionada com as perspectivas de regresso.

Em relação a esta análise queríamos chamar a atenção para dois pontos: em primeiro lugar para o facto dos dois primeiros factores serem independentes e em segundo lugar para a clivagem das identificações introduzidas pelos projectos migratórios ao nível dos grupos restritos.

Os dois primeiros factores postos em evidência pela AFC aparecem independentes pelo que tais dados vão de encontro aos resultados de certos investigadores. Por exemplo, Shuval (1963) encontrou que quanto mais alta é a satisfação, maior é a aculturação. Heiss (1966) encontrou igualmente fortes relações entre satisfação e duas variáveis da assimilação: identificação e integração. Ora os resultados apresentados não vão nesse sentido, pois pode existir uma fraca integratividade associada a uma certa satisfação do processo migratório como acontece com o projecto de regresso num futuro intermédio, ou ao invés uma certa integratividade pode acompanhar-se de insatisfação como acontece com o projecto de enraizamento. Os nossos resultados vão no sentido de outros investigadores segundo os quais os melhor integrados declaram-se os menos satisfeitos: «Parece que o resgate psico-sociológico de um processo de adaptação bem sucedida seja pago por uma satisfação menor, verificação lúcida do esforço pedido» (Raveau, Galap, Lirus, Lecoutre, 1977, p. 264). Ou então: «O investigador descobrirá muitas vezes que o custo psicológico é tão pesado que o sujeito que se declara no fundo mais assimilado é

finalmente o menos satisfeito» (L'entretien avec le Professeur François Raveau, 1979, p. 76).

Face a estes resultados propomos uma tentativa de explicação introduzindo «a posteriori» o conceito explicativo de «satisfação relativa», modulado pelas perspectivas migratórias de futuro. Para os que pensam regressar a satisfação sentida «hic et nunc» seria modulada pela satisfação diferida para um futuro «lá-baixo» onde o sujeito encontrará o prazer. O indivíduo considera que o seu centro definitivo de interesse não está na sua situação actual. Este projecto teria um efeito amortecedor da realidade actual e de resignação, permitindo valores mais elevados na percepção da satisfação. Tal não é o caso dos que pensam ficar em França. O seu futuro está aqui, não encarando o presente como uma etapa intermediária, provisória, que prepara o futuro no país de origem. Para estes, prazer e realidade não andam disjuntos na nova sociedade. Privações objectivas iguais ou inferiores aos que pensam no regresso, são percebidas subjectivamente de modo menos satisfatório.

Tomemos por exemplo o domínio do alojamento, cujos resultados mais contribuem para uma menor satisfação dos que têm um projecto de enraizamento. As aspirações neste domínio «hic et nunc» para os migrantes cuja estadia no estrangeiro é vivida como provisória não são tão grandes como para os sujeitos que perspectivam ficar em França. Há um provérbio português que diz: «A casa é a sepultura da vida». Se para uns a casa está algures, para os outros está aqui. Certamente o alojamento tornou-se um direito, em termos psicológicos uma necessidade fundamental do homem. Mas a procura deste refúgio, desta necessidade algures ou aqui pode fazer com que as condições presentes sejam sentidas mais ou menos satisfatórias. Através da satisfação declarada que o alojamento proporciona aos migrantes não se pode pois inferir que eles não aspirem a um alojamento mais confortável. Entre uma satisfação resignada perante o alojamento possível no rodopio dos condicionalismos existentes na matéria e o desejo de um alojamento melhor há um abismo que só a má consciência pode ligar.

Os projectos de regresso são susceptíveis de introduzir uma clivagem ao nível das identificações. Quando o projecto de regresso está presente o migrante identifica-se sobretudo com os grupos restritos da sociedade de origem e, ao invés, quando a perspectiva de regresso está ausente o migrante identifica-se

sobretudo com os grupos restritos da sociedade de acolhimento. Utilizando a terminologia de Newcomb só para os que pensam instalar-se em França os grupos restritos da sociedade de acolhimento são grupos de referência positivos e os da sociedade de origem são grupos de referência negativos.

Segundo Eisenstadt (1954) os grupos a que se não pertence podem tornar-se quadros de referência se são capazes de conferir um prestígio ao indivíduo do ponto de vista institucional da sociedade. Por outro lado Merton (1964) emite a hipótese em termos mais gerais: o indivíduo adopta os valores de um grupo se está fortemente motivado a afiliar-se a este grupo.

Combinando estas duas hipóteses a propósito dos resultados encontrados podemos dizer que a maior parte dos migrantes não aspiram a tornar-se membros, a afiliar-se ao grupo nacional francês, tanto mais que os grupos a que lhes é aberta a porta na sociedade francesa — como trabalhador migrante — não lhe conferem nenhum prestígio, pelo menos na sociedade de acolhimento.

Os nossos resultados confirmam a hipótese de Merton. Poderemos dizer que o sujeito adopta os grupos de referência do grupo a que está motivado a afiliar-se, isto é, os migrantes que pensam no regresso adoptam como grupo de referência os grupos nacionais portugueses, e os que pensam instalar-se definitivamente em França os grupos nacionais franceses. Tais resultados põem em evidência o papel mediador do conceito grupos de referência, entre normas culturais e opção de regresso. Os grupos de referência são indicadores da imagem dinâmica do eu, da sua intenção.

A opinião recolhida relativamente às intenções de regresso pode ser momentânea e muito provavelmente alguns dos que desejam partir, ficarão, e alguns dos que desejam ficar, regressarão. Todavia essa opinião denota uma atitude de base face à cultura francesa.

Os que encaram a estadia em França como provisória referem-se mais frequentemente à cultura de origem. Esse estádio não lhes exige a modificação radical das referências. Ao invés, para os que pensam instalar-se em França há uma modificação na polaridade das referências. Para esses a congruência entre esse desejo de ficar e o de modificar as referências culturais é fundamental para estar ao máximo em sintonia com o seu novo meio. Essa

mudança não se opera sem uma contrapartida psicológica para o sujeito.

Em suma, a referência a grupos nacionais pontuais reflecte no seu conjunto a maior parte das preocupações e dos projectos dos migrantes quando pensam na sua existência actual ou futura. Mediante os grupos de referência os sujeitos vivem a avaliação do seu futuro.

*
* *

Os resultados expostos são obviamente a tomar em consideração com uma certa precaução, pois trata-se de uma amostra restrita e os grupos constituídos comportam efectivos pouco numerosos. Todavia, um outro inquérito efectuado seis anos mais tarde, em 1983, mostra que os projectos de regresso se inserem numa tipologia da adaptação idêntica. Deixamos para um próximo artigo a abordagem desses resultados.

RESUMO

A partir de um inquérito efectuado em França junto de migrantes portugueses da primeira geração, em 1977, o autor aborda as relações entre a situação do sujeito no processo adaptativo e os projectos migratórios.

Confirma-se a hipótese de que a presença virtual ou a ausência da perspectiva de regresso ao país de origem se acompanha de constelações de variáveis indicativas deste comportamento intencional ao nível da situação dos migrantes no processo adaptativo.

Assim, à adaptação insatisfatória associa-se o projecto de regresso num futuro próximo. A adaptação instrumental caracteriza melhor o projecto de regresso num futuro intermédio. A adaptação satisfatória associa-se ao projecto de regresso num futuro afastado e ao conflito de escolha entre partir ou ficar. Finalmente, no perfil de adaptação integrativa insere-se o projecto de enraizamento. Só o grupo que deseja regressar num futuro indeterminado não aparece claramente descrito pelos tipos de adaptação mencionados, embora se aproxime da adaptação insatisfatória.

SUMMARY

An investigation on Portuguese emigrants was carried out in France in 1977 in order to study both the adaptation process to the new country and the projects to return to the country of origin.

It was thought that the presence or absence of a project to return to the country of origin was associated with a constellation of variables, which could reveal the level of the emigrants adaptation to the new country. A questionnaire was given to 110 emigrants and the data obtained confirmed the relationship between the degree of adaptation and the emigrants' intention to stay or to leave. A factorial analysis was performed and it was shown four types of adaptation: a project to leave soon was associated with an unsatisfactory adaptation; those emigrants who wish to return in the middle term were best characterized by an instrumental adaptation; the emigrants with a satisfactory adaptation thought they may leave in the long term, and also those emigrants with a choice conflict; finally, there was another group, who did not have a clear project about when to leave. This group does not fit in with the previous adaptative types very well, although it is closer to the unsatisfactory adaptation.

REFERÊNCIAS

- BADIN, P. (1977) — *Aspects psychosociaux de la personnalité*, Le Centurion, Paris.
- BASTIDE, R. (1972) — *Sociologie et psychanalyse*, PUF, Paris.
- BASTIDE, R., MORIN, F., RAVEAU, F. (1974) — *Les Haïtiens en France*, La Haye, Mouton, Paris.
- BEAUCHESNE, H. ESPOSITO, J. (1981) — *Enfants de migrants*, PUF, Paris.
- BENZECRI, J. P. (1973) — *L'analyse des données*, Dunod, Paris.
- ERLOT, F., VERBUNT, G. (1981) — *Immigrés dans la crise*, Les Éditions Ouvrières, Paris.
- EUTAUD, J. (1973) — *Le logement des immigrés en France*, CNRS, Cagnes-sur-Mer.
- CASTELLAN, Y. (1974) — *Personnalité et relations interpersonnelles au sein d'un groupe naturel*, thèse d'État, Paris X.
- CORDEIRO, A., GUFFOND, J. (1979) — *Les Algériens de France. Ceux qui partent et ceux qui restent*, Ministère du Travail et de la Participation, Paris.
- DELAY, J., PICHOT, P. (1969) — *Abregé de psychologie*, Masson, Paris.

- DIERKENS, J. (1969) — *Conditions de vie et santé des migrants et de leurs familles*, Éd. de l'Institut de Sociologie, Université de Bruxelles.
- DUCHAC, R. (1974) — *La sociologie des migrations aux États-Unis*, La Haye, Mouton, Paris.
- DUMAZEDIER, J. (1974) — *Sociologie empirique du loisir*, Éditions du Seuil, Paris.
- EISENSTADT, S. (1954) — «Studies in referérence group behavior», *Hum. Rel.*, 7:191-216.
- L'ENTRETIEN AVEC LE PROFESSEUR FRANÇOIS RAVEAU, Directeur du CREDA (1979) — *Psychologie*, juin, 73-79.
- ESPRIT (avril 1966) — n° spécial, *Les travailleurs étrangers en France*.
- FRANCÉS, R. (1980) — *L'idéologie dans l'Université*, PUF, Paris.
- GEORGE, P. (1977) — *As migrações internacionais*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- GODINHO, V. M. (1978) — «L'émigration portugaise — histoire d'une constante structurale», *Revista de História Económica e Social*, 1:5-32.
- GOLDLUST, J., RICHMOND, A. (1974) — A multivariate model of immigrant adaptation, *International Migrant Review*, 8, 26:193-227.
- GRANOTIER, B. (1973) — *Les travailleurs immigrés en France*, Éd. François Maspero, Paris.
- HEISS, J. (1966) — «Sources of satisfaction and assimilation among Italian Immigrants», *Human Relations*, 19, 2:165-177.
- INED (1977) — *Les immigrés du Maghreb. Études sur l'adaptation en milieu urbain*, PUF, Paris.
- LE BOUEDEC, G. (1979) — *Contribution à la méthodologie d'une étude des représentations sociales*, Thèse de doctorat, UCL.
- MERTON, R. (1964) — *Social theory and social structure*, Free Press, Glencoe.
- MINISTÈRE DU TRAVAIL ET DE LA PARTICIPATION (1977) — «Les étrangers au recensement de 1975», *La Documentation Française*, Paris.
- NETO, F. (1980) — *Le retour des migrants portugais. Contribution à l'étiologie du retour au pays natal*, Thèse de doctorat de 3^{ème} cycle, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.
- NETO, F. (1982) — «Atitude e comportamento dos emigrantes portugueses em França em relação à ajuda para o regresso», *Psiquiatria Clínica*, 3, 3:149-158.
- NETO F. (1983) — «Santé et retour au pays natal des migrants portugais», *Migration — Santé*, 36:7-14.
- NETO, F., MULLET, E. (1982) — «Résultats d'une enquête sur les conditions de vie des migrants portugais», *L'Orientation scolaire et professionnelle*, 11, 4:355-368.
- NOVIKOFF, M., OLIE, J. (1980) — *101 réponses à propos de la dépression*, Hachette, Paris.
- NUTTIN, J. (1980) — *Motivation et Perspectives d'avenir*, PUL, Louvain.
- PASSOUANT, P., RECHNIEWSKI, A. (1976) — *Le sommeil, un tiers de notre vie*, Stock, Paris.
- RAVEAU, F., GALAP, J., LECOUTRE, J. P., LIRUS, L. (1976) — «Adaptations Antillaises», *Cahiers d'Anthropologie*, 4:9-21.
- RAVEAU, F., GALAP, J., LIRUS, L., LECOUTRE, J. P. (1977) — «Phénotype et adaptation», *Ethnologie Française*, 3:255-276.
- SERRÃO, J. (1974) — *Emigração portuguesa*, Livros Horizonte, Viseu.
- SHUVAL, J. (1963) — *Immigrant on the threshold*, Atherton Press, New York.
- STOETZEL, J., GIRARD, A. (1953) — «Problèmes psychologiques de l'immigrant en France», *Population*, 8, 1:73-78.
- TORGA, M. (1969) — *Traço de união*, Edição do autor, Coimbra.
- VEIL, C., VEIL-BARAT, C., ROY-GIRAULT, M., SABLIERE, M. (1972) — «Fatigue et monotonie», in Reuchlin, M., *Traité de psychologie appliquée*, tome 3, PUF, Paris, 173-221.
- VERBUNT, G. (1980) — *L'intégration par l'autonomie*, thèse de doctorat de 3^{ème} cycle, Université de Strasbourg.